

Revista do CERES

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Reitor: José Daniel Diniz Melo

Vice-Reitor: Henio Ferreira de Miranda

Pró-Reitora de Pesquisa: Silvana Maria Zucolotto Langassner

Pró-Reitor de Pós-graduação: Rubens Maribondo do Nascimento

Centro de Ensino Superior do Seridó – Diretor: Diego Salomão Candido de Oliveira Salvador

Centro de Ensino Superior do Seridó – Vice-Diretor: Rogério de Araújo Lima

Editor

Me. Jarles Tarsso Gomes Santos, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Conselho Editorial

Dr. Ronny Diogenes de Menezes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Dra. Maria Aparecida Vieira de Melo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Dra. Maria Isabel Pozzo, Universidad Nacional de Rosario, Argentina.

Dra. Eva Paulino Bueno, St. Mary's University, Estados Unidos.

Dra. Ana Paula Maielo Silva, Macquarie University, Austrália.

Dra. Cátia Miriam Costa, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Conselho Científico

Dra. Isabela Cristina Santos de Moraes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Dr. Lélvio Favacho Braga, Secretaria de Estado de Educação do Pará, Brasil.

Dr. Cauê Almeida Galvão, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Dra. Paula Rejane Fernandes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Dr. Djanni Martinho dos Santos Sobrinho, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Dra. Kíze Arachelli de Lira Silva, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil

Me. Taciano de Moraes Silva, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Ma. Joedma Graciene da Silva, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Dr. Marcelo Chiarelli Milioto, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Dr. Marco Tulio Mendonça Diniz, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Dr. Alexandre Teixeira Gomes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Dra. Jane Cristina Medeiros Araújo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Dr. Joel Carlos de Souza Andrade, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Dra. Alzira Gabriela da Silva, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil.

Organização

Carlos Javier Vidal Guerrero - PPGEduC, Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Celeste Maria Farias - Grupo de Pesquisa Umanitã (UNEB); Sindicato de Psicopedagogos do Brasil (SINDPSICOPP-BR)

Danielle Sobral Porto Costa - PPGEduC, Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Edivanira Mendes Santana - Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Geovar Miguel dos Santos - PPGEduC, Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Ivoneide de França Costa - Universidade Estadual de Feira de Santana - Bahia (UEFS)

Katia Silene Lopes de Souza Albuquerque - Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Lilian Quelle Santos de Queiroz - Universidade Estadual de Feira de Santana - Bahia (UEFS)

Marilu Dias de Lima - PPGEduC, Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Rafaela Amaral Bento - PPGEduC, Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Valdemir Pereira Barbosa Neto - Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Equipe técnica

Deylane Freitas Fontes Júnior, PPGCCCon/Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Gustavo dos Santos Costa, GEOPROF/Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Mônica Raylla Dantas Magno, GEOCERES/Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Pareceristas *ad hoc* desta edição

Carlos Javier Vidal Guerrero (UNEB)

Celeste Maria Farias (UNEB)

Danielle Sobral Porto Costa (UNEB)

Edivanira Mendes Sant Ana Pires (UNEB)

Ery Jardim (UFRGS)

Franciele (UERGS)

Geovar Miguel dos Santos (UNEB)

Ivoneide de França Costa (UEFS)

Jammerson Silva (UFRN)

Laise Romero Poltronieri (PM Macaúbal)

Lamartine Cândido de Araújo Júnior (UFRN)

Lilian Quelle Santos de Queiroz (UEFS)

Luciana Firmina da Silva Matos (IFRN)

Luis Otávio Vilela da Cruz (UFSCAR)

Mallú de Mendonça Barros (IFGOIANO)

Marilu Dias de Lima (UNEB)

Messias Leal (UFRN)

Rafaela Amaral Bento (UNEB)

Robson Ribeiro (REDE SC)

Ruan Kleberson Pereira da Silva (UFRN)

Rúbia Kátia Azevedo Montenegro (VCCU)

ISSN: 2447-4320 Periodicidade: Bimestral Idioma: Português

O conteúdo dos artigos e as imagens neles publicadas são de responsabilidade dos autores.

<https://periodicos.ufrn.br/Revistadoceres>

Centro de Ensino Superior do Seridó, Rua Joaquim Gregório, S/N, bairro Penedo, CEP 59300-000, Caicó/RN, Brasil.

Apresentação - Dossiê Educação e Inteligência Artificial em Perspectivas

Rede Global de Educação e Inteligência Artificial

Fruto do encontro e da articulação entre pesquisadores que integram a Rede Global de Educação e Inteligência Artificial (ReGEIA), a idealização deste Dossiê busca fortalecer o debate acadêmico. A publicação tem como objetivo difundir pesquisas e perspectivas variadas sobre o impacto da IA no contexto educacional, estimulando a reflexão, conexões e práticas pedagógicas inovadoras.

A ReGEIA surge no primeiro semestre de 2025, fruto de uma articulação entre pesquisadores(as) da Linha de Pesquisa 04 - Educação, Currículo e Processos Tecnológicos, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), inicialmente de maneira endógena e oriunda dos discentes, buscando autonomia intelectual e autogestada.

Desde a criação da rede, os membros fundadores dedicaram-se à elaboração da sua Carta de Princípios, documento que orienta a estrutura e atuação da ReGEIA, além do desenvolvimento de sua identidade visual por meio de reuniões mensais. Ao final de 2025, com o objetivo de consolidar e dar visibilidade às ações do coletivo, a coordenação propôs a organização do primeiro Dossiê da Rede, contando com a Revista do CERES, vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como espaço para a difusão do conhecimento produzido.

Assim, a Rede amplia seu diálogo, e em um movimento exógeno amplia seus nós e cria um grupo heterogêneo de editores convidados, oriundos de diferentes instituições e localidades, principalmente da Bahia. Essa multiplicidade de olhares compartilha com os leitores e pesquisadores, uma experiência paradoxal nas leituras: por uma parte a arquitetura e embasamento do método científico, e, do outro, o desejo do sujeito dividido; ambos, parte do pesquisador implicado afetiva e efetivamente com seu objeto de estudo, a Inteligência Artificial na Educação.

Neste sentido, diante do avanço da IA e das tecnologias autônomas, percebe-se, nos variados atravessamentos técnicos da Educação, uma escrita tensionada. De um lado, a suposta objetividade dos métodos e outros interesses na pesquisa educativa e, por outro, a vontade coletiva de sujeitos esperançosos de uma técnica que esteja ao serviço da Educação como celeiro de projetos de vida. Assim, abraçar o teor coletivo da produção deste Dossiê tem sido também assumir a profundidade da pesquisa como espaço de disputa político-argumentativa, sem respostas de veemente univocidade e, ao contrário, com perguntas abertas e instigadoras, voltadas às transformações sociais e às mudanças epistemológicas que são reflexo da contemporaneidade da civilização.

Contudo, a abordagem temática deste dossiê é uma história em desenvolvimento, mas que já possui uma tradição intelectual propedêutica no campo da Epistemologia. Recentemente, em agosto de 2026, realizou-se em Fortaleza, no Ceará, a reunião da região Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPEd). Na ocasião, em uma palestra sobre Inteligência Artificial, o

professor Nelson Pretto¹, um dos expositores da mesa, recuperou uma posição que seu grupo de pesquisa vem sustentando desde 1997, que a IA não deve ser compreendida simplesmente como uma ferramenta. Tal provocação, também encontra ressonância em uma epistemologia que pesquisadores como Tânia Hetkowski² e Lima Júnior³ vêm trabalhando desde 2006, que compreende a tecnologia como processo humano, constituído por dimensões materiais, simbólicas e cognitivas e, portanto, atravessado por modos de conhecer, criar e agir.

Desta forma, mais do que retomar formulações já consolidadas no campo, esta aproximação ajuda a situar um inconcluso debate que inspirou o dossiê para pensar a Inteligência Artificial na Educação, considerando os processos formativos, históricos e culturais que a constituem e que também são por ela tensionados. É nesse horizonte epistêmico que se insere este Dossiê, reunindo diferentes perspectivas sobre os modos de presença e operação da IA na Educação e propondo pensá-la para além de um paradigma estritamente utilitarista, no qual sua compreensão se limita à condição de ferramenta ou mero uso.

Outrossim, as Ciências Sociais e da Educação foram construídas sobre as premissas da razão ocidental. Por isso, cabe acenar à problemática fundamental que a IA supõe enquanto objeto da razão para o ser humano a priori de qualquer uso. Muito particularmente, aquela que antecede aos diversos olhares deste dossiê, o assunto filosófico ou gnosiológico da IA, que tem a sua gênese social nos contextos problematizadores percebidos desde a Educação e, de alguma forma, esboçados pelos diversos eixos temáticos da chamada.

Nesta linha fundamental, pensar a IA como objeto da razão que remetia às raízes epistemológicas nos bastidores do pensamento ocidental. Por exemplo, na metafísica aristotélica se distinguia o ser das coisas como um composto essencial de substância e acidentes; a primeira, identitária; os segundos, aquilo que diferenciava e completava à unidade da coisa (no caso a IA enquanto objeto da razão). Tal unidade do conceito ou da ideia, compreendia identidade e diferença como configuração ontológica. Portanto, ao olharmos a natureza técnica da IA, observa-se que pelo seu fluxo de informações em constante mudança e reconfiguração, o tempo todo, o dilema advém quando se torna impossível distinguir ontologicamente o que é parte da sua identidade enquanto ideia, da sua unidade como dispositivo, e do que na verdade deveria ser considerado parte do agir ou vontade humana de quem o opera (a diferença). Eis o dilema da autoria na Educação hoje e, que de outra forma, já tinha sido profetizado por Turing, não com linguagem metafísica, mas com sabedoria no seu célebre paper sobre a imitação dos computadores humanos em 1950.

Ou seja, quando se afirma que, de fato, há mais perguntas do que respostas, isso teria a ver com um tensionamento fundamental, e que na Educação, tenderia a emergir de forma diversa e muitas das vezes até inadvertida pelos próprios agentes educativos que usam da IA como se fosse apenas uma ferramenta.

É desse tensionamento que se desdobram os eixos que organizam este Dossiê. O primeiro deles “Educação, epistemologia e ética da Inteligência Artificial”, interroga os modos de conhecer, ensinar e aprender quando os algoritmos passam a produzir novas epistemologias, exigindo que autoria, autonomia e responsabilidade

¹ Professor e ativista da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e membro titular da Academia de Ciências da Bahia.

² Professora Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB) e Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB).

³ Professor Pós-Graduação Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB). Psicanalista Fundador do Instituto Transmissão e Clínica Psicanalítica - Dr. Sergio Santana, Salvador-BA, UNEB-CAMPUS I

educativa sejam repostas como questões éticas, e não meramente técnicas. Dessa interrogação decorre o segundo eixo, das “Humanidades Digitais e das novas práticas de leitura, escrita e autoria”, no qual as formas emergentes de escrita colaborativa, de leitura expandida e de coautoria entre humanos e máquinas tornam visível, no plano discursivo e cultural, justamente aquilo que a metafísica clássica outrora resolvia como a unidade do conceito. E porque nenhuma dessas questões se sustenta fora da sala de aula, o terceiro eixo, “Práticas pedagógicas mediadas por IA e formação docente”, reúne experiências e pesquisas em contextos escolares e universitários, onde os desafios da formação crítica de professoras e professores se apresentam menos como adoção de ferramentas do que como elaboração coletiva de sentido.

Os três eixos seguintes deslocam o foco do dispositivo para o território. “Cultura digital, criatividade e poéticas tecnológicas”, examina como a criatividade se reinventa nas práticas educativas e culturais mediadas por linguagens algorítmicas e sistemas generativos, lembrando que a técnica é também matéria poética, e não apenas cálculo. “Políticas públicas e inclusão digital em contextos educacionais”, recoloca a dimensão social e institucional do problema, interrogando o papel do Estado, das redes públicas e das políticas de acesso e equidade digital num tempo em que a desigualdade histórica se atualiza como desigualdade computacional. Por fim, “Experiências críticas e decoloniais com tecnologias emergentes”, confronta as visões eurocêntricas e tecnocráticas da IA, valorizando epistemologias situadas, saberes comunitários e práticas de resistência no Sul Global, gesto que, para um Dossiê majoritariamente gestado na Bahia, é uma condição de enunciação.

Reunidos, esses eixos não compõem um percurso linear nem uma resposta, compõem uma constelação de perguntas que se iluminam mutuamente. Se a IA resiste a ser tratada como mera ferramenta, é porque nos devolve, ampliada, a pergunta sobre o que fazemos com aquilo que fazemos, e sobre quem, afinal, permanece autor dos processos educativos. Convidamos, portanto, à leitura desconfiada e generosa destes textos; desconfiada, porque nenhuma das posições aqui reunidas pretende encerrar o debate; generosa, porque todas foram escritas por pesquisadoras e pesquisadores implicados, que aceitaram o risco de pensar em voz alta.

Desejamos que a discussão aberta nestas páginas siga nas escolas, nos grupos de pesquisa, nas redes e nos territórios onde a Educação continua sendo, apesar de tudo, celeiro de projetos de vida.